

Problema brasileiro será 'acomodado', diz Feldstein

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

Washington — Em certo sentido, os bancos comerciais estão aumentando os riscos inerentes à situação internacional ao cobrar taxas de juros tão elevadas dos países devedores, disse ontem Martin Feldstein, chefe da assessoria econômica do presidente Ronald Reagan, numa entrevista à imprensa em que condenou ainda as propostas para que os governos dos países industrializados interfiram de maneira maciça para resolver o problema da dívida externa do Terceiro Mundo.

Mas Feldstein observou também que poucos bancos estão felizes em emprestar tanto quanto andam emprestando com as taxas de juros atuais. "Há poucos — se há algum — emprestadores atuando de bom grado no mercado. Se pudessem escoller, prefeririam fazer outra coisa com seu dinheiro. Encarado dessa maneira, o prêmio (spread ou taxa de risco) que cobram acima da prime rate ou da Libor não é suficientemente alto para compensá-los pelos riscos que acreditam existir no momento", disse Feldstein.

Apesar disso, o chairman do Conselho dos Assessores Econômicos da Casa Branca acha que "se as taxas de risco (spread) fossem menores, se os juros fossem mais baixos", então os países devedores teriam cargas anuais menores a enfrentar e o risco total no sistema financeiro diminuiria e a diminuição dos riscos permitiria aos bancos a cobrança de taxas ainda menores.

Feldstein disse ainda que os problemas que o Brasil enfrenta não podem ser resolvidos, mas sim acomodados, a curto prazo. "Continuo acreditando que as perspectivas a longo prazo para o Brasil e outros países são boas." A seu ver, os problemas de liquidez que o Brasil enfrenta no momento resultaram da recessão mundial, do declínio vertical da inflação mundial, da grande queda nos preços das commodities e das altas taxas de juros internacionais.

"Mas isso não é um problema permanente", salientou. "A medida que ocorra uma recuperação econômica (internacional), que os preços das commodities aumentem nos mercados mundiais, que os países aprendam a mudar para exportar mais, o problema se torna bem administrável. O problema, então, é de curto prazo, um problema de liquidez, e não um problema fundamental."

Feldstein disse que as exportações brasileiras são ainda uma pequena fração do Produto Nacional Bruto, tendo em vista os padrões europeus, e talvez uma fração ainda menor do que a dos Estados Unidos. "Aumentar essas exportações, como fração do PNB, para financiar o pagamento da dívida, não pode ser feito da noite para o dia. Mas pode ser feito em alguns anos", enfatizou. "O problema é chegar até lá, dar ao Brasil tempo de aumentar suas exportações, tanto naturalmente como em resposta à recuperação econômica mundial, e também de realocar os recursos dentro do País."

"PROBLEMA SÉRIO"

Ele declarou-se "francamente nervoso" com as propostas de que o problema da dívida externa dos países em desenvolvimento seja equacionado de outra maneira, como querem alguns. Essas propostas envolvem, entre outras coisas, a criação de uma nova agência internacional para assumir parte da dívida com os bancos comerciais e forte participação conjunta dos governos dos países industrializados.

"Sejam quais forem as soluções usadas nos próximos anos — disse — acho que uma das coisas importantes que devem ser preservadas é o sistema do mercado privado de capitais para o financiamento internacional. Preocupo-me com o fato de que, se os tipos de intervenção que estão sendo discutidos na imprensa, pelo menos, forem adotados, correremos o risco de eliminar as perspectivas futuras dos mercados de capitais privados."

"Uma vez que o governo entre no negócio — como desejam alguns —, compre ou garanta a dívida existente, acho que enfrentaremos uma situação em que outros emprestadores de capital não teriam permissão para fazer empréstimos privados como fizeram no passado. Os mercados de capitais mundiais e as perspectivas de desenvolvimento seriam enfraquecidos se permitissemos que isso acontecesse."

Feldstein reconhece que a questão da dívida externa dos países em desenvolvimento "continua sendo um problema sério". Mas declarou-se "muito satisfeito com o progresso realizado neste ano". Disse que sem a notável cooperação entre os bancos comerciais, os bancos centrais e o Fundo Monetário Internacional o problema poderia ter-se tornado muito mais sério.

"Acho que de fato os problemas não foram previstos e talvez tomadores e emprestadores assumiram mais riscos do que deveriam ter assumido." Na sua opinião, levará muitos anos para resolver esses problemas, mas o processo já começou. Ele disse ainda que a recuperação americana está caminhando mais rapidamente do que a de outros países industrializados, mas existem sinais positivos também no Exterior.

Há evidência, afirmou, de que se iniciou a recuperação industrial na Alemanha e, finalmente, na Grã-Bretanha, a qual, em ambos os países, é mais célebre do que se imaginava que poderia ser há poucos meses. Acredita também que o Canadá acabará acompanhando o ritmo de expansão dos Estados Unidos. Em todos os casos, a expansão se dará por causa de razões internas e por força do aumento das exportações em função do crescimento dos Estados Unidos.

Feldstein confirmou as novas projeções do governo Reagan, segundo as quais o PNB dos Estados Unidos crescerá 4,7% este ano, com taxa de inflação, medida pelo deflator do PNB, de aproximadamente 4,5%.